

## Uma alegria outra

A liturgia do III domingo do Advento faz da alegria a matriz da celebração comunitária. Da profecia de Sofonias ao evangelho de Lucas, sem esquecer as recomendações de Paulo na carta à comunidade de Filipos, o timbre da alegria impõe-se nas narrativas bíblicas que escutamos funcionando como diapasão diante do acontecer. Crentes ou não, a pergunta que Lucas põe na boca da multidão que se encontra com João Baptista ganha hoje novas configurações e protagonistas na concretude das nossas vidas e, tal como ontem, em cada um de nós reconhece uma resposta diferente, fazendo do outro um referencial do agir – «Que devemos fazer? Que devemos fazer?»

Na contemporaneidade do catolicismo, o substantivo feminino liturgicamente evocado, adquiriu renovado crédito ao ser assumido como linha programática do magistério do *Papa do fim do mundo*. Para Francisco, de acordo com a sua última encíclica, a alegria ganha uma materialidade ecológica pois decorre da adopção da sobriedade como estilo de vida profético que se quer incutir aos cristãos de hoje: «a espiritualidade cristã propõe um crescimento na sobriedade e uma capacidade de se alegrar com pouco». Contrária à tentação do domínio e da acumulação, a alegria é equacionada como consequente da simplicidade que «nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos.» (LS 222).

Longe de se conjugar num sentimento humoral benfazejo, a alegria para a qual cada texto nos remete resulta, antes, do depurar de um processo de maturação pessoal. Ao caminhar para Belém percebemos que este é o tempo de redescobrir o desassossego que a alegria significa, fruindo-a como a sede de uma espera ante o provisório e o inacabado. Nos adventos da nossa pequena história a sua faúlha persiste como respiradouro, convidando-nos a acolher as geografias das relações que habitamos – com os seus dramas, feridas e fugas – como oportunidades de recomeço. E uma vez mergulhados no quotidiano da vida, que aceitemos a aporia da *alegria-dolorosa* (o

*tudo-nada que nos move*) como paradoxo do mesmo peregrinar:  
«Acende no centro de ti uma prece / mesmo se o lume que trazes / te  
parece ameaçado ou imperfeito.»<sup>1</sup>

Pedro Silva Rei

## **alegria-dolorosa**

Deus, atravessam-nos as energias do mundo,  
a luz e a cor de todos os desejos e desastres  
desta terra

tu semeaste na nossa vida  
a semente do infinito e da beleza  
para que em cada tempo brotem formas novas  
de convivialidade e graça entre aqueles  
que a dor acinzenta

desata os nós da Sabedoria com que nos moldaste,  
a saturação das formas com que refiguremos tudo  
dá-nos a graça de vivermos de acreditar  
no crescimento invisível  
que em nós o teu fermento faz  
que descubramos a alegria-dolorosa  
do tudo-nada que nos move  
desnuda a nossa vida, Deus,  
o quadrado negro dos nossos abismos;

e que a semente da tua Palavra  
nos torne expansivos,  
clareiras verdes  
indicando a passagem do teu Nome

(José Augusto Mourão<sup>2</sup>)

---

<sup>1</sup> José Tolentino Mendonça, “Conselhos de José para o nosso Advento”, Capela do Rato, Advento 2014.

<sup>2</sup> José Augusto Mourão, «alegria-dolorosa», in *dizer Deus ao (des)abrigo do Nome*, 1991.